



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

ANTONIO EDUARDO DE FREITAS OLIVEIRA

**LINHAS NARRATIVAS: PERSPECTIVAS SOBRE A COSTURA A PARTIR
DAS EXPERIÊNCIAS DE HOMENS E MULHERES NO UNIVERSO DO
COSTURAR**

**REDENÇÃO – CEARÁ
2021**

ANTONIO EDUARDO DE FREITAS OLIVEIRA

**LINHAS NARRATIVAS: PERSPECTIVAS SOBRE A COSTURA A PARTIR
DAS EXPERIÊNCIAS DE HOMENS E MULHERES NO UNIVERSO DO
COSTURAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidade (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Fatima Maria Araújo Bertini

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Fatima Maria Araújo Bertini
(Orientadora / IH UNILAB)

Prof^º. Ms. Antonio Luciano Moraes Melo Filho

Prof^º. Dr. Ricardo César Carvalho Nascimento

**REDENÇÃO - CE
2021**

TERMO DE APROVAÇÃO

Relatório de vídeo e ficha técnica de conclusão de curso apresentado ao bacharelado em Humanidade da Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

**Linhas Narrativas: Perspectivas sobre a costura a partir das Experiências
de Homens e Mulheres no Universo do Costurar**

Antonio Eduardo de Freitas Oliveira

Data da aprovação: ____/____/____

Nota: ____

REDENÇÃO-CEARÁ

2021

Agradecimentos

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo dom da vida e por me presentear com uma família abençoada que me ampara sempre.

Aos meus pais, Erivanda Albino e Raimundo Nonato que me educaram com princípios baseados no respeito e amor ao próximo que carrego pra vida. Aos meus irmãos Natália Kelly e Antonio Leonardo, que sem eles não conseguiria realizar esse projeto. Em especial a minha orientadora, a Professora Dra. Fatima Bertini que me acolheu em um processo muito importante, e acreditou no meu trabalho enquanto acadêmico e com a serenidade que conduziu as orientações desse projeto.

Aos amigos e amigas que se dispuseram a participar desta experiência. Agradeço por me permitirem entrar em seus lares e ambientes de trabalho para conhecer um pouco da história de vida de cada um, aos integrantes e protagonistas dessa história documentada; Juliana, Wesley, Lucilene, Ivanildo e a Dona Eva (Evanira).

In Memoriam, de minhas avós Raimunda Rodrigues e Terezinha Albino de Freitas que me deram tanto carinho e amor, e me proporcionaram momentos felizes e que deixaram uma saudade imensa em meu peito. Avó Raimunda, foi através de seus ensinamentos que aprendi o ofício da costura e tenho minha profissão que tanto me orgulho. Avó Terezinha, que em cada rosa que floresce em meu jardim sinto sua presença, pois era uma cultivadora e admiradora das rosas.

Dedico esta curta-metragem a todos os costureiros e costureiras da cidade de Redenção/Ce incluindo os que residem na zona rural e que são conhecedores do ofício da costura.

Agradeço a Deus pela vida e passagem de todos...

A costura me ensinou que todo retalho pode ser transformado. Com linhas e agulhas, todos os dias, eu me renovo.

(Autor desconhecido)

RELATÓRIO DE PESQUISA E COMPOSIÇÃO DO VÍDEO

Título do Vídeo: Linhas Narrativas: Perspectivas sobre a Costura

Duração do vídeo: 20 minutos

Entrevistadas:

Eduardo Freitas

Evanira Rocha

Ivanildo da Silva

Juliana Souza

Lucilene da Silva

Wesley Souza

Resumo: O presente relatório tem por objetivo apresentar o percurso de composição do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado em formato audiovisual, intitulado: “Linhas Narrativas: Perspectivas sobre a Costura”. Apresentaremos de forma crítico-reflexiva as perspectivas de homens e mulheres que costuram, tendo como fio condutor as narrativas de vida dos/as costureiros/as. Os relatos de vida a partir das experiências no trabalho da costura envolve: memória, identidade e processos de aprendizagem. Desse modo, como costureiro buscarei dar visibilidade a um saber que não é tão visto dentro da academia. Portanto, este trabalho torna-se significativo e relevante para nossos estudos, pois precisamos romper com o pensamento machista de que o ofício da costura pertence somente à figura feminina e precisamos também reconhecer que ser costureiro/a é muito mais do que somente remendar, tecer, confeccionar e aprimorar peças. O ser costureiro/a é um/a artista e a costura é uma arte importante que precisa ser valorizado na sociedade. Logo, o documentário assume um tecer de linhas narrativas sobre as experiências e aprendizagem dos costureiros e costureiras.

Palavras-chave: Costura. Narrativas. Experiências. Aprendizagem.

Contextualizando

A costura sempre esteve presente no processo evolutivo da civilização humana no tecer e costurar da história, sendo por muito tempo considerado um saber e uma tarefa exclusiva da figura feminina. Um saber compartilhado entre mulheres de geração em geração, como uma herança. Um saber milenar.¹ Atualmente, a costura faz parte do nosso cotidiano, desde as roupas que vestimos até o concertar de um botão pelas mãos de uma costureira que conhecemos na vizinhança do nosso bairro, ou mesmo em nossos lares, nossas mães, nossas avós, nossas tias. Pontuamos aqui a figura feminina de nossos lares, pois sabemos que por muito tempo foi assim, as mulheres na costura. Mas atualmente, o universo dos tecidos e das agulhas faz parte da vida de muitos homens costureiros, que assim como as mulheres aprenderam a arte do “saber fazer da costura”.

É importante lembrarmos aqui, que com a Primeira Revolução Industrial, a costura e confecção de roupas deixam de ser uma atividade exclusiva dos lares e dos ateliês e passa a ter produção em larga escala, graças à produção de tecidos por maquinários e à invenção das máquinas de costura. Sendo que, na modernidade, temos costureiras e costureiros nas confecções, nos ateliês, em seus lares e em tantos outros espaços onde os tecidos, as agulhas, as linhas e a máquina de costurar fazem parte.

Mesmo com o avanço da tecnologia em nossa sociedade, e com os processos de aprimoramento das máquinas de costura, o ofício/profissão da costura permanece até os dias de hoje. Mas, a partir de algumas literaturas, podemos perceber, que mesmo sendo uma atividade necessária em nossa sociedade, o costurar pelas mãos de costureiras e costureiros continua sendo invisibilizado, como se fosse uma profissão e um saber sem muito destaque na academia e no mundo do trabalho. A autora Évelin Zanelatto (2019) em sua tese de mestrado vai tratar em seus estudos esse aspecto de invisibilidade da costura no mercado de trabalho e em nossa sociedade, ela diz que:

A invisibilidade da costureira e a visibilidade da roupa são absurdamente contrárias. Todos nós, por mais pobres que sejamos,

¹ Informação disponível em: <<https://audaces.com/historia-da-costura/>>

carregamos conosco sobre o corpo alguma peça de vestuário. Levamos o tempo inteiro, muitas horas do trabalho de uma costureira sobre a nossa pele. Nada está mais em contato com uma pessoa do que a roupa que ela veste. (DORDIN, 2019, p.07)

A partir do exposto na citação, é possível percebermos que mesmo a costura fazendo parte do nosso dia a dia a partir do vestir, não valorizamos as mãos que a fizeram, não conhecemos o processo e não nos dedicamos a conhecer o saber e as narrativas de vidas que estão em cada linha em nossas roupas que também contam histórias de pessoas.

Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo apresentar as perspectivas de homens e mulheres que costuram, tendo como fio condutor as narrativas de vida dos/as costureiros/as. Os relatos de vida a partir das experiências no trabalho da costura envolvem: memória, identidade e processos de aprendizagem. Desse modo, como costureiro buscarei dar visibilidade a um saber que não é tão visto dentro da academia.

Portanto, este trabalho torna-se significativo e relevante para nossos estudos, pois precisamos romper com o pensamento machista de que o ofício da costura pertence somente à figura feminina e precisamos também reconhecer que ser costureiro/a é muito mais do que somente remendar, tecer, confeccionar e aprimorar peças. O ser costureiro/a é um/a artista e a costura é uma arte importante que precisa ser valorizado na sociedade.

Ademais, o interesse de realizar essa pesquisa vem da necessidade de desconstrução de um conceito imposto por muito tempo em diversos períodos da história, que existe o espaço exclusivo para mulheres e para homens. Portanto, a costura encontra-se em um paralelo de opiniões acerca da perspectiva masculina e feminina; realmente esse ofício é reservado para mulheres? O homem que opta por seguir esse caminho tem sua masculinidade posto à prova? Sendo essa uma profissão feminina, o homem sofre preconceito?

Narrativas do Costurar

Partindo das narrativas de vida a partir das experiências e percepções dos costureiros e costureiras entrevistadas que envolvem memória, saber, identidade e processos de aprendizagem, torna-se importante informar que houve um diálogo e um acordo ético estabelecido entre os/as costureiros/as, em que concordaram que os seus nomes verdadeiros seriam explicitados nesse referido relatório e no documentário, como forma de reconhecimento de seus trabalhos. Assim, mantivemos contato com o total de três costureiras e três costureiros, cujos nomes podem ser identificados, sendo estes: Evanira Rocha, Ivanildo da Silva, Juliana Souza, Eduardo Freitas, Wesley Souza e Lucilene Silva. Portanto, para compreendermos melhor a importância das narrativas destas mulheres costureiras e desses homens costureiros, que costuram histórias a partir de seus processos de aprendizado e suas experiências no ofício da costura, será necessário abranger nesse trabalho sobre os aspectos da oralidade.

A oralidade faz parte de uma interdisciplinaridade importante no processo de aprendizagem e construção das memórias sociais em diversos espaços, e como é fundamental a história oral para entender as subjetividades dos indivíduos. Observa-se esta importância na fala de Alessandro Portelli quando diz o seguinte:

“A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito - assim como a sociologia e a antropologia - a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada um. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ela.” (PORTELLI, 1997, p.15).

Sobre esse aspecto mencionado na citação, a pesquisa foi pensada na perspectiva de ouvir memórias, narrativas, histórias dos entrevistados com relação ao lugar da costura em suas vidas, levando em conta questões de conquistas a partir deste ofício que por muito tempo foi visto como um lugar de exclusividade da mulher, mas que agora faz parte de um lugar também ocupado por homens. Podemos perceber na fala dos/as entrevistados a importância da costura em suas vidas, sendo possível ouvir histórias de

superação como foi o caso do Costureiro Wesley que mencionou que a costura foi uma oportunidade para ele sair do mundo das drogas.

A costura foi uma saída. Tipo, uma saída entendeu. Quando eu era mais jovem, não tinha para onde ir. Não tinha muito o que fazer. A única coisa que tinha quando eu era mais jovem, era a criminalidade. [...] Daí eu fiz um curso de costura, e eu me, como que eu posso dizer gostei da costura. Foi uma saída boa, eu gosto do que eu faço. [...] É bom o trabalho a costura. O ruim é que não é valorizado. (Wesley, 24 anos, Costureiro).

Na fala da costureira Evanira (conhecida por Dona Eva) podemos perceber um pouco de suas memórias ainda moça quando casou. A mesma rompeu com um padrão hierárquico de nossa sociedade, que orientava a mulher a casar e cuidar do lar. Mas foi através da costura que ela conseguiu perpassar essa ideia machista e trabalhar ganhando seu salário conquistando sua independência financeira e se realizar nesse espaço. O costureiro Eduardo também menciona suas conquistas através da costura, conforme podemos perceber nas falas abaixo:

Quando eu me casei eu não trabalhava. [...] Eu casei parei de trabalhar. Era aquele negocio, mulher casou tem que vir pra casa. É tanto que eu passei uns quatro a cinco anos sem trabalhar. Quando eu fui dar início ao curso que eu fale para vocês (curso de costura), e a partir daí eu comecei a ganhar eu próprio salário. E é o que a gente vem sobrevivendo até hoje, é com esse conhecimento que eu adquiri. A grande casa que eu fiz foi toda com meu esforço de confecção. E o meu carro também, eu pago ele com o dinheiro da confecção. (Evanira, 52 anos, Costureira).

A costura me proporcionou tudo que eu tenho hoje. Eu ajudo a minha família. Eu consigo comprar minhas coisinhas, me manter. O meu transporte para ir trabalhar e estudar. Eu tenho conseguido muitas coisas através da minha profissão [Costureiro]. (Eduardo, 27 anos, Costureiro).

Ouvir as narrativas de superação e de conquistas nesse espaço da costura nos faz perceber e valorizar cada vez mais as experiências de vida de pessoas que costuram suas histórias. Quando se decide ouvir as individualidades de cada sujeito acerca de suas experiências, é fundamental entender que as narrativas podem seguir uma linha oposta ou linhas semelhantes, cabe então ao pesquisador entender o processo de costura dessas histórias. Como nos diz Portelli (1997, p.16) “Assim, a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes [...]”.

Homem e Mulher no Universo da Costura

Sabemos que em nossa sociedade ainda existe um pensamento muito tradicional e preconceituoso sobre a divisão de trabalho entre cargos ditos desenvolvidos por mulheres e homens. Esse tipo de pensamento precisa ser rompido, e devemos incutir a ideia de igualdade entre homens e mulheres em qualquer profissão, pois, só assim seremos capazes de promover uma educação transformadora e libertária de corpos e mentes. A trajetória de homens na costura precisa ser vista com respeito e sem preconceitos. E para as mulheres na costura, precisa ser visto como uma profissão de valor e que merece reconhecimento.

A antropóloga Karen Kärercher fala sobre o trabalho invisibilizado de mulheres costureiras em suas produções teóricas desenvolvidas no âmbito sócio-antropológico do ofício da costura. A autora diz que:

“[...] a costura permanece como atividade subalterna ou secundária e até mesmo invisível em alguns casos. Sendo majoritariamente desenvolvida em casa e mesclada com o trabalho doméstico, nem sempre aparece como um ofício de status reconhecido, suficientemente rentável ou mesmo de saber destacado, mas que apesar disso, colabora para uma modalidade de agência para construir os seus modos de vidas.” (KÄERCHER, 2016, p.16)

Assim, conforme o exposto na citação, podemos perceber que a costura nem sempre é vista como um trabalho de status reconhecido, e o seu Saber fazer não se destaca ao olhar daqueles que utilizam roupas e peças que foram feitas das mãos que tecem, desfiam, costuram, confeccionam e que deixam em cada peça feito à mão um pouco de si. Os costureiros e costureiras carregam em cada ponto um aprendizado cheio de significado, trabalho, cuidados e saberes. Esses saberes que muitas vezes foram passados de mãe para filho/a, de pai para filho/a, de avós para netos/as, e por tantas gerações.

Dessa forma, compreender portanto o trabalho de homens e mulheres que costuram envolve reconhecer o “saber fazer costurar” que não se limita exclusivamente a figura da mulher no universo das linhas e agulhas, mas, que o homem também deve ser reconhecido nesse espaço. Diante de tudo que está sendo posto, espera-se que consigamos desconstruir com o princípio hierárquico da divisão do trabalho em nossa sociedade, que segundo Hirata (2007), pode possuir dois princípios organizadores: O princípio da separação:

existem trabalhos de homens e existem trabalhos de mulheres. E o princípio hierárquico: O trabalho de homem vale mais do que o trabalho de mulher. Esse princípio hierárquico em nossa sociedade precisa ser desmistificado, precisamos romper com estereótipos que diminuem o homem enquanto costureiro, e que reforça a lógica de que a costura é para mulher - costureira.

Em conformidade com os relatos dos costureiros entrevistados, podemos perceber que em suas trajetórias no mundo da costura existiu sempre a presença de muitas mulheres, e que às vezes foram questionados em seus trabalhos por serem homens costureiros, e que o preconceito nesse ofício ainda existe, mas as vezes passa despercebido por eles como podemos perceber na fala do costureiro Wesley, Ivanildo e Eduardo, quando perguntamos se os mesmos já foram questionados sobre "trabalhar na costura é coisa de mulher", e como se sentem nesse espaço da costura.

Já teve sim. Já teve ocasião que eu nem percebia. Mas, aí, tu trabalha com costura? Um homem? E aí eu ficava pensando... [...] Já até aconteceu. Até porque no meu curso, que eu fiz de costura, tinha umas trinta pessoas. A maioria era mulher. Só tinha eu de homem. Mas eu não percebia essa questão do preconceito. [...] Ser costureiro não afeta minha masculinidade, nenhum pouco. (Wesley, 24 anos, Costureiro).

Assim, logo no começo, quando eu comecei, tinha gente que... teve homem mesmo que veio assim, querer falar por que o cara tá num serviço pra mulher. Sofri um pouco de preconceito. Mas eu nem... se eu fosse olhar pra isso eu hoje tava fazendo o que? Se é o que eu posso fazer né. (Ivanildo, 40 anos, Costureiro).

Essa é uma função que foi meio que reservada para a mulher. No âmbito feminino [...]. O homem então passa a se introduzir nesse meio, então, onde eu trabalho ainda assim é predominante mulheres, tem muitas mulheres. [...] Isso não me afeta enquanto homem. (Eduardo, 27 anos, Costureiro).

Ao pensarmos sobre as narrativas acerca do trabalho das costureiras e dos costureiros, não podemos deixar de atentar para outras particularidades que vão além do costurar. Existe a socialização e a troca de saberes no ambiente entre homens e mulheres que pode superar preconceitos que surgem mesmo vivendo em um contexto de mudanças no mundo do trabalho e nos tempos modernos a qual estamos vivendo. Superar toda e qualquer forma de preconceito existente no âmbito do trabalho dito para "homem" e "mulher" é transgredir com o princípio hierárquico e separatista em nossa sociedade.

O círculo reflexivo biográfico (CRB) como ferramenta teórico-metodológico: narrativas de costureiros e costureiras.

O círculo reflexivo biográfico (CRB) é uma ferramenta de pesquisa e de formação que permite uma viagem (auto)biográfica a partir das narrativas e experiências de vida dos sujeitos. O CRB foi estabelecido como espaço/tempo para o exercício da narrativa oral, para a “escrita de si” e para a expressão de sentimentos, percepções e crenças pelo jogo simbólico, com objetivos de pesquisa e de formação (OLINDA, 2011 p.14). Desse modo, este dispositivo de estudo e pesquisa possui um caráter qualitativo onde não é o recurso de que se faz o uso, mas o referencial teórico/metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa e para a análise do material coletado no trabalho de campo (Duarte, 2004, p.215) podendo assim ser realizado com diversos sujeitos que escrevem sua própria história autobiográfica.

O círculo reflexivo biográfico (CRB) permite que as narrativas ou processo de biografização tornem-se importantes para observarmos o(s) universo(s) de determinado(s) sujeito(s) ou grupo/coletivos como modo de compreensão dos percursos de vida em suas experiências, escolhas e ações. O poder de dar forma aos nossos desejos na vida é o poder de relacionar existência à experiência. Formamo-nos no ato narrativo como lugar de memória compartilhada integrando passado, presente e futuro. “O CBR possibilita o poder de tornar as experiências vividas por cada um inteligíveis e propiciadoras de novas ações” (OLINDA, 2009, p. 12) como também permite construir uma ciência a partir das narrativas e experiências humanas.

Em suma, é através das narrativas e experiências de vida que somos autores da nossa própria escrita de autobiografia e também interpretes de nós mesmos no qual desenvolvemos também uma capacidade compreensiva e reflexiva de olhar a si mesmo e ao/com o outro. Através das narrativas compreendemos, ouvimos e conhecemos as trajetórias de vida dos indivíduos, compartilhamos experiências e resgatamos memórias do passado que se tornam presentes em nossas vidas, e podemos observar e compreender o processo de autoafirmação e não afirmação de si.

Roteiro de filmagem.

Organizamos o Roteiro de Filmagem em três tópicos:

- a) Abordar as narrativas de vida e os processos de aprendizagem dos entrevistados a partir de um questionário semi-estruturado;
- b) Conhecer o contexto histórico da costura e a forma como os homens/costureiros e mulheres/costureiras se veem no mundo dos tecidos e agulhas.
- c) Costurando histórias: refletir e compreender através da fala e do resgate da memória as conquistas dos costureiros e costureiras.

Relato de Campo – Uma experiência de aprendizagem

O propósito desse documentário surge a partir da necessidade de apresentar narrativas, práticas e vivências de pessoas que têm o ofício da costura como profissão, e apresentar um processo histórico que faz parte da construção de identidade dos indivíduos envolvidos na pesquisa.

A pesquisa etnográfica foi uma ferramenta crucial na concretização do documentário. Enquanto costureiro, tive um olhar crítico acerca de um conceito que faz parte do convívio social de diversas pessoas, e que muitos carregam como ideologia machista, patriarcal e primitiva, em apresentar o seguinte argumento; “a costura é coisa de mulher”. Vimos aí, a oportunidade de agregar valores com relação a um ofício tão importante como qualquer outra profissão.

Foi um trabalho árduo, no início desanimador, muitas pessoas desistiram de compartilhar suas histórias por conta da timidez e pré-julgamentos. Muitos tiveram medo da lente da câmera, mas isso faz parte do processo. Tive que me adaptar ao tempo das pessoas, aos horários que poderiam me receber em seus lares e ambientes de trabalho. Mas aqueles que não se sentiram à vontade de gravar esse momento, sim, tiveram lugar na pesquisa, pois foram ouvidos, e compartilharam momentos importantes que me fizeram perceber o quanto a história de vida dessas pessoas é potente.

Foram finais de semanas diferentes, onde sai do meu convívio familiar para integrar outras famílias, em horários que o sol estava de rachar, mas são esses sacrifícios que fazem valer a pena. Desloquei-me várias vezes até o centro da cidade de Redenção, a cidade vizinha Acarape, as comunidades rurais Oiticica, Rua da Palha e Riacho das Pedras. Todos esses desafios foram na companhia do meu irmão, que através de seus conhecimentos, sua familiaridade com as câmeras e olhar sensível em capturar momentos que inspiram. Foi um longo processo de escuta, tentamos deixar os entrevistados à vontade em seus espaços para compartilhar experiências de vida. Foi um período de descoberta, demos risadas, nos emocionamos com cada narrativa, com cada história compartilhada. Testemunhei a simplicidade no olhar e fala de cada protagonista, relatos que autorizaram e fizeram questão de compartilhar não apenas comigo, mas com todos aqueles que possam ter acesso. Muitos ficaram com medo de “errar” de falarem algo que não poderiam, mas deixei claro que tudo seria relevante, pois fazia parte da história, da identidade de cada um, e no fim deu certo.

Outro desafio foi editar o material, sentar e analisar com calma cada narrativa, cada história e selecionar aquelas falas que trazem a importância do trabalho. Histórias que individualmente daria um livro, documentário ou um filme. Ademais, foi uma experiência incrível construir este documentário, foi um aprendizado que vou levar pra vida toda enquanto cidadão, costureiro, estudante e filho de agricultores que lutaram e me deram essa oportunidade de ter um ensino que infelizmente eles nunca tiveram, mas que se orgulham de seus filhos poder cursar o ensino superior.

Que esse trabalho possa inspirar outras pessoas que desejam pesquisar e estudar suas vivências, suas realidades, e que possam despertar para uma consciência mais sensível e menos preconceituosa no mundo do trabalho, pois tanto o homem quanto a mulher podem estar e exercer a profissão que quiserem.

REFERÊNCIAS

BORDIN, Évelin Zanelatto. **Ofício costureira: um estudo sobre educação e as posições ocupadas no mercado de trabalho da confecção de vestuário na região metropolitana de Porto Alegre**. 2019. 138p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2019. Disponível: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193385/001091637.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 de agosto de 2021.

DANIEL, Camila. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. **O social em questão**, n. 25/26, p. 323-344, 2011.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em revista, n. 24, p. 213-225, 2004.

HIRATA, Helena; Kergoat, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, 2007.

KÄERCHER, K. A.; BRITES, J. **Tecendo narrativas: gênero, trabalho e costura**. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2016, João Pessoa/PB. Anais da 30aRBA: Políticas da Antropologia: Ética, Diversidade e Conflitos, 2016. p. 01.

OLINDA, Ercília. **Círculo Reflexivo Biográfico: dispositivo de pesquisa e de formação**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 15, 1997.

RAMOS, Fernão Pessoa; CATANI, Afrânio. O que é documentário. **Estudos de Cinema SOCINE**, p. 192-207, 2000.